

Quando

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão-de bailar
As quatro estações à minha porta.

Outros em Abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Será o mesmo brilho, a mesma festa,
Será o mesmo jardim à minha porta,
E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

Sophia de Mello Breyner Andresen | "Dia do Mar", pág. 84





Linhas de leitura

Liliana Miguel Pires

Sala de
Português

O que nos diz o poema?

O poema inicia-se com uma reflexão sobre a morte introduzida por “quando”, como se a poeta se interrogasse interiormente como será o depois: “Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta” (v1), como será o mundo e a vida. Seguem-se uma série de afirmações introduzidas por verbos no futuro: “continuará” (v. 2), “hão-de” (v. 3), “passarão” (v. 5), “Haverá” (v. 7), “amarão” (v. 8), que traçam o cenário desse tempo e espaço onde já não estará presente. A última estrofe sintetiza a forma como entende a questão: “Será o mesmo brilho, a mesma festa / Será o mesmo jardim à minha porta (v. 9-10)”. O que permanecerá depois da morte? A vida continuará “Como se eu não estivesse morta” (v. 12) - todos os elementos, o jardim, o céu, mar, o pomar, continuarão vivos, prontos para outros os viverem, sentirem e amarem. Estas são interrogações que fazem parte intrínseca das preocupações da poeta porque, como ela própria referiu, “não há poeta, crente ou descrente, que não escreva para a salvação da sua alma – quer a essa alma se chame amor, liberdade, dignidade ou beleza” (Jornal de Letras, 1997).

Em termos formais, o poema é constituído por 12 versos agrupados em três quadras. Apresenta rima interpolada (ABBA) na primeira e na última estrofe (DADA) e rima cruzada (BCBC) na segunda estrofe. Destacam-se nele recursos de estilo como a metáfora [1]: “E os cabelos doirados da floresta” (v. 11) e a personificação [2]: “E como hoje igualmente hão-de bailar/ As quatro estações à minha porta”.

Quem é a autora?

Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu no Porto em 6 de novembro de 1919 e faleceu a 2 de julho de 2004, em Lisboa e é um dos maiores e mais destacados nomes da literatura portuguesa. Escreveu 17 livros de poesia, nove antologias, 13 livros de prosa entre contos e histórias para a infância, seis ensaios e uma peça de teatro. recebeu vários prémios como o Prémio Camões 1999, o Prémio Poesia Max Jacob 2001 e em 2003 o Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana.